

O PATRIOTISMO É INCOMPATÍVEL COM O AMOR PELA HUMANIDADE?*

ÉLISÉE RECLUS

Sua questão não pode ser tratada sem definições preliminares. O que é o "patriotismo", tomado em seu sentido verdadeiramente popular, subjacente a toda fraseologia? É o amor exclusivo à pátria, sentimento que se complica com um ódio correspondente contra as pátrias estrangeiras? E o que é a pátria? Um território grande ou pequeno, claramente delimitado por fronteiras de diversas origens, obstáculos naturais, barreiras artificiais e simples linhas traçadas ao acaso, primeiro sobre o papel e depois transladadas para o terreno.

Partindo dessas definições que certamente respondem à ideia geral dos povos interessados, tal como ademais ela é sancionada triplamente pela diplomacia, o regime militar e o sistema fiscal, deve-se reconhecer que a pátria e seu derivado, o patriotismo, são uma deplorável sobrevivência, o produto de um egoísmo agressivo que somente pode conduzir à destruição, à ruína das obras humanas e ao extermínio dos homens.

Mas o povo é ingênuo, e sob esta palavra "pátria" fizeram-no compreender mil coisas, doces ou belas que de modo algum comportam a divisão da terra em parcelas inimigas. O suave perfume do solo que nos alimenta, as figuras sorridentes dos velhos que nos amavam, as queridas recordações do estudo e dos esforços dos ousados companheiros, as obras empreendidas em comum na juventude e, sobretudo, a linguagem que ressoou primeiro em nossos ouvidos, e pela qual escutamos as palavras decisivas de nossa vida, tudo isso é a herança natural de cada homem, em qualquer parte do mundo em que nasceu, tudo isso é anterior à ideia de uma pátria delimitada, e é puro sofisma querer vincular esses sentimentos à existência de polígonos efêmeros que recortamos sobre

a redondeza da Terra. Ao contrário, há total oposição entre essas primeiras impressões que nos ligam à Terra e à sociedade humana e suas linhas divisórias que impedem a livre formação dos agrupamentos humanos, e que tentam limitar o que, pela natureza das coisas, é intangível: a simpatia dos homens uns pelos outros uns pelos outros, seu espírito de mútua benevolência e solidariedade.

Historicamente, a pátria foi sempre má e funesta. Foi sempre um domínio reivindicado como propriedade exclusiva, seja por um senhor único, por um bando de senhores hierarquizados, ou seja, como nos nossos dias, por um sindicato de classes dirigentes. Sempre, por mais distante que olhemos no passado, os cidadãos pacíficos, em nome de uma pátria de contornos sempre mutáveis, foram levados a trabalhar, pagar e combater; foram sempre oprimidos pelos parasitas, reis, senhores, guerreiros, magistrados, diplomatas, milionários.

E são esses parasitas em luta contra outros bandos de parasitas que marcaram essas barreiras de separação entre vizinhos que por interesses comuns haviam se tornado irmãos. E é para defender ou estender esses limites absurdos que guerras sucederam guerras: era preciso que cada limite fosse estabelecido sobre cadáveres, como outrora ocorreu com cada porta da cidade.

Em nossos dias, apesar de serem mais frequentemente atravessadas, as fronteiras são mais funestas do que nunca, porque são conservadas de modo mais metódico e mais científico do que no passado, com fortificações, postos de aduana, guardas móveis. Se o comércio consegue penetrar sob o impulso das necessidades vitais, ele ocorre somente após amplas negociações entre os Estados e a construção de grandes obras mi-

litares. A zona de separação é mensurada em toda sua extensão; e com maquinações incessantes, com a ajuda de verdadeiros crimes, suscitam-se ódios tremendos a ambos os lados da fronteira fictícia, traçada ao longo de algum riacho entre os bosques e os campos.

Diria mesmo que há algo de escandaloso no fato de que, no século das locomotivas e das motocicletas de toda espécie, não haja mais do que uma linha ferroviária entre a França e a Espanha, nem sequer uma estrada viável através dos Pirineus. Apesar da Geografia, não se quer que as duas nações sejam vizinhas, não se quer que, cessando de serem pátrias distintas, se convertam em um só país de uma mesma família unida.

O vasto mundo nos pertence, e nós pertencemos ao mundo. Abaixo todas as fronteiras, símbolos de dominação e de ódio. Temos pressa para poder abraçar enfim todos os homens e chamarmo-nos de irmãos.